



ROTEIRO GEOLÓGICO PELO CEMITÉRIO DA CONSOLAÇÃO – SP

*Luciane Kuzmickas; Eliane Aparecida Del Lama
IGC-USP*

A utilização de diferentes tipos de rochas, para diversas finalidades é um hábito comum desde as primeiras civilizações. Além de ser um testemunho da evolução natural da Terra, tornou-se também um importante registro das culturas que nos precederam. Em construções mortuárias, a rocha foi o primeiro material utilizado, presente, por exemplo, nos menhirs de Carnac, França (4.000 a.C.), nas tumbas de Newgrange, Irlanda (3.100 a.C.), nas pirâmides do Egito (2.600 a.C.), nos túmulos comunitários escavados em paredões rochosos em Petra, Jordânia (40 à 5 a.C.), presente até os dias atuais nos cemitérios do Brasil e do exterior. Na cidade de São Paulo, o Cemitério da Consolação, fundado em 1858, possui túmulos constituídos por diferentes tipos de rochas, empregadas tanto na sua estrutura, como na estatuária existente. As rochas, trabalhadas por experientes artistas, constituem um acervo cultural único, que remete a diferentes períodos da história do Brasil e principalmente de São Paulo. O Cemitério da Consolação é constituído por litologias de diferentes origens (rochas sedimentares, ígneas e metamórficas), destacando-se: travertino, calcário fossilífero, granito, gabro, sienito, charnockito, mármore e gnaisse, que apresentam variações estruturais, texturais e mineralógicas. Para algumas rochas foi possível identificar seus nomes comerciais, como: Cinza Mauá, Preto Apiaí, Preto Piracaia, Vermelho Bragança, Vermelho Capão Bonito, entre outros. O trabalho propõe um roteiro geológico pelos jazigos do Cemitério da Consolação, SP, abrangendo diferentes tipos de rochas, identificadas macroscopicamente, que compõem famosos mausoléus. O roteiro complementa o guia de visitação criado pela Prefeitura do Estado de São Paulo, que abrange as personalidades enterradas e as principais obras de arte existentes no cemitério, estimulando a visitação e difundindo a importância da sua conservação. As autoras agradecem à FAPESP por incentivar este projeto (Processo 2010/13910-7).

TÉCNICAS DE MINERAÇÃO DE OURO EM GUARULHOS, SP

*Edson Jose Barros; Elton Soares de Oliveira
PREFEITURA DE GUARULHOS/SECRETARIA DE MEIO AMBIENTE*

A exploração de ouro em Guarulhos é reconhecida por diversos autores entre as primeiras da Província de São Vicente. Paes Leme (1772), nas Notícias sobre as minas de São Paulo e dos sertões da sua Capitania, relata: “Pelos anos de mil quinhentos e noventa e sete, descobriu Afonso Sardinha natural de São Paulo as ditas minas de ouro de lavagem nas serras de Jaguamimbaba, ao presente tempo é conhecida pela nomenclatura de Mantiqueira, e na de Jaraguá ambos no termo da cidade de São Paulo”. Calogeras (1904), em As minas do Brasil e sua legislação, ratifica a descoberta e descreve os métodos de mineração das jazidas auríferas em duas categorias: o ouro de veias e o ouro encontrado nos rios. Nestes faiscadores garimpavam usando a bateia, a mesma técnica aplicada em operações mais complexas nos tabuleiros e grupiaras. Nas encostas as aberturas eram denominadas catas, em que os quartzos e pedregulhos escavados eram trabalhados nas águas mais próximas. Também se levava a águas até as catas trabalhando os materiais por pressão hidráulica, a lama remanescente passava por caixas e canais de lavagem para reter as partículas de ouro. Tais métodos de mineração vinculam-se a técnica Nova Espanha estabelecida no Regimento das Minas do Brasil de 13/05/1603 (PAES LEME, 1772). A Técnica permitia maior produção de ouro e proteção da mão de obra nas minas, com complexo sistema de engenharia hidráulica e de muros de proteção e inovações na separação ouro e rocha, rapidamente incorporada nas colônias espanholas e portuguesas pelos ganhos proporcionados. O Geoparque Ciclo do Ouro Guarulhos, SP, propõe a preservação de valioso conjunto intacto de estruturas coloniais que indicam o uso da técnica Nova Espanha, com túneis em rocha e estruturados em blocos, muros, represas, canais e frentes de escavação.